

Câmara Municipal de Mogi das Cruzes
Estado de São Paulo

Av. Vereador Narciso Yague Guimarães, 381 - CEP: 08780-902 - Fone: 4798-9500 - Fax: 4798-9583
E-mail: cmmc@cmmc.sp.gov.br

REQUERIMENTO n.º 011/10

COLENDO PLENÁRIO:

APROVADO POR UNANIMIDADE
Sala das Sessões, em 09/02/2010

2º Secretário

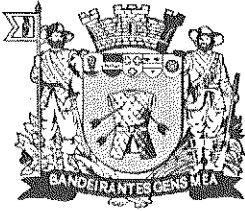
Mesa Diretiva e Senhores Vereadores, o Jornal "O Diário", importante veículo de comunicação de nossa Cidade, sempre pautou pela edição de matérias que tragam conteúdo aos seus leitores, e para tanto, conta com seus quadros com profissionais de extrema competência.

A afirmação acima se mostra evidente nas inúmeras edições do referido periódico, em especial na matéria publicada no dia 31 de janeiro de 2010, no espaço denominado "Mogi de A A Z", do articulista e renomado **Jornalista Francisco José Ornellas, carinhosamente conhecido como Chico Ornellas, caderno A/5**, onde o Ilustre Jornalista narra situações do cotidiano, dos personagens e de momentos históricos da cidade de Mogi das Cruzes.

E a matéria mencionada, traz conteúdo histórico dos mais significativos, pois relata a passagem por nossa Cidade de importante artista na arte dos pincéis o Senhor Chang Dai-Chien, de origem chinesa, após viver em seu país de origem e ter como moradia temporária outros países, inclusive a Argentina, resolveu escolher nossa querida Mogi das Cruzes para fixar residência e continuar desenvolvendo os seus dotes artísticos.

Muito se perde em termos de memória, mas muito se recupera com a competência e o trabalho desenvolvido pelo Ilustre Jornalista - **Chico Ornellas**, trabalho que contribui significativamente para o conhecimento da história de nossa Cidade e das pessoas, Ilustres Personagens, que por aqui passaram ou escolheram nossa querida Mogi das Cruzes para morar, como a pessoa do renomado pintor **Chang Dai-Chien**, que teve seu trabalho reconhecido em vários países do mundo e escolheu nossa Mogi da Cruzes para morar.

A matéria articulada pelo Jornalista **Chico Ornellas**, além de outras, é de notável e expressivo interesse histórico, pois retrata, até com particularidades a vida do artista **Chang Dai-Chien**, um dos maiores pintores do século 20.



Câmara Municipal de Mogi das Cruzes
Estado de São Paulo

Av. Vereador Narciso Yague Guimarães, 381 - CEP: 08780-902 - Fone: 4798-9500 - Fax: 4798-9583
E-mail: cmmc@cmmc.sp.gov.br

Assuntos como esse e outros de relevante importância histórica deveriam ser objeto de compilação pela Secretaria Municipal de Educação, por trata-se de relatos da história de nossa Cidade.

Todavia, resta a conveniência e a preciosa contribuição do Legislativo Mogiano, por se tratar de assunto de interesse público, em dar destaque a significativa passagem da história de nossa Cidade, consignando nos anais desta Casa de Leis essa importante matéria.

Em razão da relevância da matéria e do interesse público que se reveste, é o presente para Requerer, à Mesa Diretiva, na forma regimental, que seja transcrita em sua integralidade a matéria publicada no Caderno A/5, "Mogi de A A Z", do Jornalista Chico Ornellas, edição do dia 31 de janeiro de 2010, acerca da vida de um dos maiores pintores do século 20 e da escolha de Mogi da Cruzes para fixar moradia.

Requeiro, ainda, que sejam consignados votos de **louvor, congratulações e elogios** ao Jornal "O Diário" e ao **Ilustre Jornalista Francisco José Ornellas - Chico Ornellas**, pela importância e valor histórico cultural que se reveste a matéria, dando-se lhes ciência do inteiro teor do presente trabalho legislativo.

Assim, com fundamento na **Lei Orgânica do Município (LOM)**, bem como no art. 144, inciso II, do **Regimento Interno da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes**, e, uma vez demonstrado claramente os motivos e as razões da apresentação do presente requerimento, espera que o mesmo mereça o beneplácito do ínclito Plenário.

Plenário "Dr. Luiz Beraldo de Miranda", em 04 de fevereiro de 2.010.

FRANCISCO MOACIR BEZERRA DE MELO FILHO
Vereador - PSB

CHICO ORNELLAS

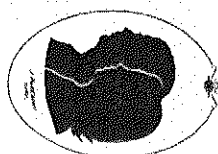
CADERNO A 15

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

ornellas@estadao.com.br

MOGI DE A A Z

A republicação dos melhores momentos desta página marca sua edição n° 300



A história de mestre Chang

Esta é a história de Chang Dai-Chien, o respeitado pintor chinês que escolheu Mogi das Cruzes como sua morada por 20 anos, nas décadas de 50 a 70.

1. A CIDADE IGNORA SEU PERSONAGEM

Não adianta procurar na lista telefônica. Não há qualquer referência ao seu nome. Tampouco no mapa da Cidade; também ali não existe nenhuma rua que o reverencie. Meios abundantes escolas locais. Quem é capuz, hoje, de se lembrar da maior personalidade mundial a escolher Mogi das Cruzes como seu lar? Ninguém parece lembrar mais do mestre Chang Dai-Chien.

Recordei-me dele há algum tempo. Estava em Heston, nas cercanias de Washington, para um encontro com Lee Sturmet, chinês que repugnava os ensinamentos de Mao e optou pelas Estadas Unidas como seu exílio. Ali, a 20 minutos da Casa Branca, Lee Sturmet dirigia uma entidade chamada American Society of Newspaper Editors. Encontrei-o em uma pequena sala entulhada de livros. Francos objetivos chineses. Mas eles existiam, como que a levar o cidadão baixo, calvo, de face arredada e olhos amarelados, de

capital da província de Chengtu, as margens do Yang Tze, o verdadeiro Amazonas que desemboca no Mar da China. Chang era o oitavo dos nove filhos e sua mãe lhe ensinara as primeiras técnicas da pintura. Uma arte que já havia transmitido ao irmão mais velho, San Tze, pintor que se especializou em tigres e deixou dois de seus quadros na Casa Branca.

Com 9 anos de idade, Chang ainda não havia ido à escola. A família incumbia-se de ensinar-lhe a leitura e a escrita de hieróglifos. E ele passava as tardes à frente de sua casa, brincando com papel de arroz sobre o qual deslizará um pincel molhado na tinta preta feita com cinzas e nas cores opacas que alguns sais possibilitavam. Foi nessa época que uma cigana aproximou-se do menino e encamionou-lhe cartões para ler a sorte dos frequentes clientes. Foi o primeiro dinheiro que Chang ganhou com seus pincois. E ele ganharia, a partir de então, muito dinheiro com seus pincois.

Só aos 12 anos ele conheceria sua primeira escola. E também, a primeira grande distância do pequeno menino no qual estava viva. Foi internado em um colégio de China Kiang, no qual revelou-se menino levado, dado às

Chang Dai-Chien - 1929 / 1983



MÓGI DE A A Z

com sua disposição à vida em dano. Mas nada, na sua vida, era definitivo. E Chang acabou por se rebelar contra a rotina religiosa e não obteve a segregação como monge. Deixou o mosteiro levando dali apenas o nome que o acompanharia pelo resto da vida.

Foi nessa época que, enfim, seu irmão mais velho o encontrou. Aplicou-lhe uma surra e o levou de volta para

esposa, sete dos 14 filhos, um neto, um irmão em moléculas, uma bebê, uma camarária. E quatro marcos gêmeos, reza a qual o pintor havia de afeiçoado em sua passagem pela Índia.

Quando chegaram a Mendoza, local escolhido para nova residência, os Chang já encontraram um clima de reverência a todos. Isto porque padre Kao, o amigo que lhe indicara a Argentina como local ideal para ficar residência, cuidara de informar às autoridades locais a importância do novo residente. Chang Dai-Chien foi, então, recebido na Casa Resada. Era a época gloriosa do Peronismo, que lamentaria a perda de Eva (26.7.53).

Sabe-se lá por quais motivos, Chang Dai-Chien não ambientou-se na Argentina. E, no ano seguinte (1953), ao retornar dos Estados Unidos para onde viajava com várias de suas obras, voltou em um vapor com várias escalas pela costa brasileira. Foi em Santos, onde o esperava um amigo, que ele ouviu falar pela primeira vez de uma região de clima bom, localizada no meio do litoral do porto de Santos e na qual era possível adquirir terras por preços compassivos.

Chang Dai-Chien visitou então, pela primeira vez, as cercanias de Mogi das Cruzes, reunido com a família e seus serviais. Chang Dai-Chien comunicava, na noite anterior, que Campes do Jordão em busca de areietas e pinheiros ou para fazer que-quebá, à cata de flores. Incuráveis sequebantes eram feitas, com alguma regularidade, por Albita, onde Chang encontrava suas zelosas preferidas ou a Pirapora, calar pedras no Rio Yaté. Nessa ocasião, iam todos em uma Kombi.

Triste mesmo ficou o sítio de Tati-capêla quando o mestre Chang Dai-Chien partiu para incursões pela Europa e pelas Estadas Unidas, lá expor

vota a sua terra natal.

Não sei se foi na quarta ou quinta frase que trocamos, quando lhe disse que talvez houvesse ouvido falar em algum tempo, de um chinês que conheci em minha cidade, no Brasil. Alberto Alvares, brasileiro naturalizado norte-americano, que me acompanhara por recomendação do Departamento de Estado, nasceu uma índia: "Imaginas e ele vai conhecer o pasteleiro de Mogi das Cruzes?"

Stimmet não conhecia o "pasteleiro de Mogi das Cruzes", mas começou a vida e a obra de Chang Dai-Chien, o maior pintor chinês dos últimos séculos. De Chang a primeira lembrança que tenho é do início dos anos 50. Eu não havia, então, passado dos 5 anos de vida. Mas, andando pela Rua Dr. Decalato Wertheimer rufo à esquerda do Resatário, para a missa das 11 de um domingo, cruzei com uma caravana de pessoas estranhas. À frente, um homem pequeno de barbas e tumbalongo, caminhava vagarosamente. A péla trilha que um outro homem, este de terno, abria entre os passantes. Atrás do pequeno de barbas, uma caravana em ordem impecável. A senhora que andava imediatamente atrás, trazia pelas mãos uma criança que mal conseguia se levantar por um passo após o outro. Depois, alguns jovens, três ou quatro, todos de olhos amendoados, atrás dos quais iam duas pessoas humildes. Uma delas levava, ao colo, um macaco glibbo.

Imagem em que esta cena significava para uma criança de nem 5 anos, em um tempo no qual a televisão só era notória nos seqües internacionais da imprensa. Foi meu primeiro contato com Chang Dai-Chien. Após o qual meu pai levou-me a visitá-lo em um casarão da Rua Santana, onde depois viria a funcionar a Delegacia Seccional de Polícia.

2. NASCE O MESTRE, EM 1899

Mestre Chang veio ter a Mogi das Cruzes no final de 1953, início de 54. Tinha então 55 anos de idade e desde os 20 cultivava a barba. Já era um pintor famoso, de longa carreira. E muitas histórias.

Nasceu em 1899, dia 19 de maio. Seu pai era um rico comerciante, dono de salinas e de lojas em Sichuan,

disputas marciais. Nessa época, então com 14 anos, preparou-se para um período longe da família. Na viagem para Sichuan, Chang foi seqüestrado. Ele, um irmão e dois amigos.

Por muito tempo ficaram em poder do grupo que os obrigava a participar de assaltos. A Chang davam uma incumbência: adotar um "pedigree" as cartas à família, exigindo resgate para libertação das 4 crianças. Isso depois que o tentaram forçar a participar de um assalto e o máximo que ele conseguiu foi obter um livro. Bem que a família queria pagar o resgate. Mas não conseguia contato. Apenas 100 dias depois o menino se libertou, fugindo em meio a uma neblina que o bandou travava com um grupo de soldados.

3. MORRE-LHE A NOVA ESCOLHIDA

Chang Dai-Chien era um menino de sua época. Costava dos estudos. E das artes. Algumas. Bem diversas daquela que o faria famoso: com os conhecimentos que obteve no estudo da química, fabricou uma bomba e, com um amigo, foi lançá-la em um edifício público em Chün King, durante manifestação de estudantes.

Aos 18 anos, Chang Dai-Chien deixou sua cidade natal, Meikiang, e foi para Shanghai continuar seus estudos. Ficou pouco ali. Mudou-se em seguida para Tóquio. Uma mudança decisiva para sua vida, pois com os mestres japoneses aprendeu a técnica de tingir tecidos. Mas com eles insistia em manter as raízes chinesas: negava-se a falar outra língua que não a de seus ancestrais. Vestia túnicas chinesas e, nas aulas, usava os serviços de um intérprete. Bem que ele aprendeu a falar japonês. Mas, em público, insistia sempre na sua língua materna.

Quatro anos Chang Dai-Chien ficou em Tóquio. Quando voltou para Shanghai, encontrou, de repente, a morte que lhe haviam reservado para espô-la. Ela morreu antes do casamento e Chang, desconsolado, decidiu ser monge. Incentivado, viajou para um mosteiro budista e, ali, recebeu seu nome definitivo: Dai-Chien. Na tradição tibetana significa Grande Universo.

Por vários meses a família o procurou. Por toda parte, sem sucesso. Chang Dai-Chien, realmente, seguia

casas onde a mãe, na tentativa de uma solução para eventuais fugas futuras, cuidou de conseguir-lhe uma noiva.

Os compromissos de família fizeram um união. Mas não garantiriam a felicidade do casal. Aos 23 anos, Chang retornou a Shanghai disposto a abandonar, em definitivo, a arte que considerava sua vida: a pintura. De pronto, foi ler a Lei Mao An e a Tseng Shi, dois dos mais concentrados mestres chineses dos pináculos. Tseng Lom Shi, em especial, era um professor emérito que por toda a vida cultivara a calligrafia até que, aos 60 anos, decidiu por ingressar na pintura.

Nas aulas com seus grandes mestres Chang Dai-Chien punha-se a copiar os quadros antigos que eles possuíam, tentando desenvolver técnicas semelhantes. Quadros do século XVII, em especial os assinados por Chang Fong, Pak-Shanjen e Shih-Tao. A aplicação nos estudos permitiu-lhe participar de uma mostra de jovens pintores em Shanghai. Era tudo o que Chang precisava para alcançar a notoriedade. Aos 28 anos já tinha nome feito na China e permissão para longas viagens pelo rio Yang Tze. Nessas viagens ele cuidava de fazer anotações, muitas anotações. As mesmas que, muito tempo depois ele utilizaria para pintar um quadro de 5 metros no qual detalhava o grande Yang Tze da nascente à foz, incluindo todos os povoados e detalhes geográficos. O quadro foi pintado em 1966 num lugar que, muito provavelmente, nunca o jovem Chang poderia pensar em conhecer. Esse lugar chama-se Mogi das Cruzes.

4. ENFIM, A FELICIDADE

Desde que encontrou deante a noiva que lhe fora reservada pelo acordo de famílias e, à sua morte, acabou por ingressar em um mosteiro budista e depois não alcançou a felicidade com a segunda noiva - e sua primeira mulher - também indicada pelas famílias, Chang Dai-Chien vivia solitário. Até que, no final dos anos 20, em um novo retorno a Neikiang, onde nasceu, o pintor então casa-se com a noiva que ele próprio escolhiera. A felicidade, então, passou a ser mais do que um sonho distante.

E Chang Dai-Chien, com o irmão mais velho, correu a arrastar família

para gentis e jardins orientais. No ano seguinte - 1922 - voltou para a China e passou a viver num palácio de verão junto ao lago Kunning, nas cercanias de Pequim. Dai saiu para expor suas obras em Londres e Paris.

Quando a guerra sino-japonesa começou, ele estava em Pequim e ali ficou retido pelos invasores, que o impediram de viajar para qualquer outro lugar. A esse tempo o mestre Chang Dai-Chien já se havia casado pela terceira vez. E vivia seu confuso pessoal ao lado da nova esposa e dos primeiros dos 16 filhos que viria a ter.

Inconformado com a impossibilidade de deixar Pequim, o pintor e sua família articularam um plano de fuga e conseguiram escapar. Foram primeiro a Sichuan. Depois, escondendo-se nas montanhas Ching-Cheng. Foram tempos difíceis aqueles: as exposições e os negócios com seus quadros, gerantes de sustento da família, estavam impossibilitados de serem feitas.

Em 1940, Chang Dai-Chien vai às cavernas de Tung Huan, a heróica da China. Foi ali que o pintor soube da morte do irmão querido, Chang San Tze. Em Tung Huan ele permaneceu por muito tempo. As cavernas são verdadeiros templos sagrados da China, depositários de pinturas antigas, de alfrescos medievais. Foram três anos convivendo com esse tesouro. Até que, em novos viagens, Chang Dai-Chien acabou por firmar seu quarto casamento.

Foi em 1949 que os aliados de Mao Tse Tung assumiram Pequim. Chang Dai-Chien, que previra a revolução, cuidara antes de se mudar, com todos seus apetrechos, a esposa e uma filha pequena, para a ilha de Formosa. Foi em seguida para Hong Kong e, de lá, para a Índia, onde promoveria uma exposição em Nova Delhi.

5. RUMO À ARGENTINA

Após permanecerem por um ano na Índia, mestre Chang Dai-Chien e sua família acabaram retornando a Hong Kong. Nos encontros com amigos, em que expõe sua busca por um lugar seguro e permanente para viver, o pintor acenou a sugestão de um deslocamento, com mulher e filhos, para a Argentina, no todo, via 13 habitantes e quatro irracionalistas. Chang, a

Mogi das Cruzes. Logo mudou-se para cá. Ocuparam todos uma ampla casa na Rua Santana, próxima da esquina com a Rua Piranga e perto de um hotel dirigido por um médico amigo de professor, o dr. Nobilo Mori. Dois anos depois, percorrendo o bairro de Capela do Ribeirão (hoje Itaipu), Chang Dai-Chien encontrou um sítio de 500 alqueires, no quilômetro 17 da atual estrada Mogi-Bertoga. As terras, cortadas por um ribeirão, pareciam ideais para os objetivos do mestre.

Mas ele decidiu-se pela compra foi mesmo ao encontrar um enorme e antigo pinheiro.

Adquirida a terra, era tempo de desenterrar e construir o seu país.

De quatro anos precisou o mestre para transformar o terreno de capoeira em um recanto inesquecível. A família mudou-se para lá no início dos anos 60. Eu o visitei em sua nova moradia, pela primeira vez, em 1963. Foi levado pelo professor Henrique da Silveira, que me enfiou goela abaixo o gosto bom do estúdio da História.

Já havia ali a Hortia das Oito Virtudes (Pa-Te-Juan), com seus pés de caqui. Também um jardim inexistente, com flores, plantas, um casal de cisnes no espelho d'água (o Lago dos Cisnes, Outono), um pavão. E os bonecos, alfrescos miniatúras, uma das paixões de Chang Dai-Chien. Também o Degrado Detachado: era o interesse pinheiro que por força de amarrasções de arame adquiriu a forma que lhe dava o nome.

Quando algum visitante chegava, era levado pelo mordomo a passear pelo jardim. Enquanto o mestre se preparava para receber o estranho. Não importava que um importante marchand disposto a comercializar suas obras, ou apenas um adolescente curioso. Como eu. A todos deitava uma atenção profissional e encamiñava à construção maior, de pé direito alto e telhado em estilo chinês. Era o seu estúdio. O novo estúdio, que substituiria um pequeno, anexo à primeira construção do sítio. Os dois prédios - o novo estúdio e a casa original, foram ligados por um salão, idealizado para as recepções mais importantes.

Chang Dai-Chien, nunca negou, possivelmente uma obra sua. Sempre tranqüilo em sua incumbência

suas obras. Em uma dessas viagens, quando estava na Europa, Chang foi a Monte Carlo para um encontro com Pablo Picasso. Conversaram durante horas e ali firmaram uma sólida amizade, selada pela troca de quadros que um mestre ofereceu ao outro.

Mas, em 1968, a idade começou a deixar assado de Chang Dai-Chien. Sofria de calarata, tinha crises de diabetes e problemas cardíacos. Os amigos e a família insistiram para que ele se mudasse para os Estados Unidos e entraram em busca de um canto que pudesse convence-lo a deixar Itaipu. Não foi fácil. Mas, veio um dia a notícia de que uma barragem inundaria o parque construído em Mogi das Cruzes. E Chang Dai-Chien não quis ficar para ver a água enchê-lo sem êden. Mudou-se para uma cidade próxima de Carmel, perto de São Francisco (Califórnia), às margens do Pacífico.

A mudança dehinha foi em 1970. Ele passou a ocupar uma ampla casa em Pebble Beach. Voltou a Mogi das Cruzes em 1972. Veio, pela última vez, ver o jardim que criou. Em 1976, a convite do governo de Formosa, viajou para rever velhos amigos e decidiu-se por fazer residência em Taipei. Morou inicialmente em um apartamento. Pelo tempo suficiente para que um famoso arquiteto local desenhasse e erguesse uma casa e dois estúdios interligados por elevador.

Foi ali que mestre Chang Dai-Chien pintou seus últimos quadros, inclusive um muito grande, ao qual dedicou um ano de trabalho. Mas os anos pesavam, a saúde comprometida suas mãos e a calarata o impediu de definir as cores que eram sua própria vida. Em abril de 1982, no Hospital Geral dos Veteranos de Taipei, onde estava internado desde 8 de março, morreu Chang Dai-Chien. Era dia 2. Ele tinha 84 anos de idade. Nessa época, a barragem de Itaipu, ainda não havia inundado o parque criado nas cercanias de Mogi das Cruzes.

Chang Dai-Chien deixou sua quarta esposa e 16 filhos. Suas obras, espalhadas por todo o mundo, podem ser vistas especialmente no MAM de Nova York e o Jeu-de-Paume, de Paris.

Publicado originalmente em agosto de 2006